

## CAPÍTULO 11

# UM RELATO ACERCA DA CRIAÇÃO DO ACERVO AUDIOVISUAL DO REINO TREZE DE MAIO E DO CENTRO ESPÍRITA SÃO SEBASTIÃO

Cristiane Nery

### 11.1 INTRODUÇÃO

Minha vivência no Centro de Pesquisa em Design e Ergonomia (CPqD) compreendeu um período de treze anos – de março de 2006 a março de 2019. Por isso, grande parte da minha experiência acadêmica e da minha vida profissional e pessoal se constitui, de certa forma, do meu convívio com todos aqueles que fizeram parte do CPqD. Assim, muitos projetos dos quais me orgulho de ter realizado foram possíveis porque encontrei nesse Centro de Pesquisa pessoas que acreditaram em mim, proporcionando-me a oportunidade de crescer academicamente e profissionalmente. Ademais, independentemente do lado humano e emocional, também tive acesso à metodologia científica por meio das pesquisas e fui capaz de produzir conhecimento com imparcialidade, seriedade e ética.

Partindo dessas considerações, um dos projetos que desenvolvi no CPqD, de 2014 a 2015, intitulado *Do tangível ao intangível: criação do acervo imagético e sonoro de*

duas manifestações afro-brasileiras de BH/MG, teve como objetivo a criação do acervo digital do Reino Treze de Maio e do Centro Espírita São Sebastião. Esse objetivo foi alcançado por meio da organização do banco de dados (registros fotográficos, audiovisuais e sonoros) já existente e da produção de novos registros, visando a preservação e difusão de seu patrimônio material e imaterial.

Durante a realização desse projeto, contamos com o apoio de três programas de bolsas para alunos de graduação e um programa de bolsas para aluno de ensino médio, a saber: Programa de Apoio à Extensão (PAEx) da UEMG; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEMG/FAPEMIG); Programa de Apoio à Pesquisa (PAPq) da UEMG, que oferece bolsas de iniciação científica; e Programa Institucional de Iniciação Científica Júnior (BIC JR).

Assim, neste texto, será possível compartilhar experiências sobre o projeto mencionado, que promove o nexu entre design e antropologia visual.

## 11.2 DESENVOLVIMENTO

### 11.2.1 PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO ACERVO

Inicialmente, é importante destacar que minha relação com os devotos da Irmandade Treze de Maio começou em 2009, com o início do projeto de pesquisa e extensão *Um olhar sobre o Congado das Minas Gerais*. Nesse primeiro projeto, meu intuito era investigar a vivência e a hierofania das festas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais, amplamente conhecidas como Congado.

Como resultado, realizamos a publicação do livro de fotografias *Um olhar sobre o Congado das Minas Gerais*,<sup>42</sup> que foi lançado no segundo semestre de 2012 em formato digital e disponível gratuitamente para visualização e download no site da Escola de Design. Além da publicação digital, em dezembro de 2015 foi lançada a versão impressa, que foi distribuída para as guardas envolvidas, bibliotecas e museus. Além disso, tal projeto gerou um banco de dados com registros audiovisuais, fotográficos e sonoros da Irmandade Treze de Maio, realizados de 2009 a 2012, e do Centro Espírita São Sebastião (CESS), de 2012 a 2013.

Após esse primeiro contato, Isabel Casimira – carinhosamente chamada de Belinha, atual Rainha Conga do Estado de Minas Gerais – demonstrou interesse em salvaguardar o patrimônio da Irmandade e do CESS. Desse desejo surgiu o projeto *Do tangível ao intangível: criação do acervo imagético e sonoro de duas manifestações afro-brasileiras de BH/MG*.

A partir do estreitamento dessa relação com a comunidade, baseada na confiança e na troca de saberes, foi possível conhecer mais a fundo suas necessidades, bem como se tornou ainda mais clara a dimensão da importância histórica que a Irmandade

42 NERY, C. G. *Um olhar sobre o Congado das Minas Gerais*. Belo Horizonte: 2012. 310 p. Disponível em: <http://www.ed.uemg.br/publicacoes>. Acesso em 15 set. 2020.

possui. Essa era uma das problemáticas do projeto de pesquisa e extensão, ou seja, desenvolver um acervo que atendesse às necessidades da Irmandade e que fosse criado a partir do viés do design e da antropologia visual.

## 11.2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E MÉTODOS

### 11.2.2.1 Fundamentação teórica

As fotografias, os vídeos e os registros sonoros produtos desse projeto que passaram a constituir o arquivo do acervo foram organizados em CDs, DVDs, páginas de redes sociais e arquivos digitais. O processo de criação desse acervo possibilitou uma reflexão acerca das viabilidades de atuação do designer, uma vez que, atualmente, a necessidade de se dar forma a um produto é, principalmente, uma questão muito mais semântica, comunicativa e ergonômica do que tecnológica, como afirma Moraes (2011).

O designer, nesse contexto, deve ver o mundo e a cultura projetual de maneira mais abrangente, não apenas voltada para as questões do produto em si, mas também para a dinâmica que existe em seu entorno (MORAES, 2011). O autor complementa tal pensamento quando afirma que

*para produtores e designers que atuam em cenários definidos como dinâmicos, fluidos, mutantes e complexos, o desafio atual deixa de ser definitivamente o âmbito tecnicista e linear. Ele se constitui na arena ainda pouco conhecida e decodificada dos atributos intangíveis dos bens de produção industrial. Tudo isso faz com que o design interaja com disciplinas cada vez menos objetivas e exatas e convirja para outras áreas disciplinares que compõem o âmbito do comportamento humano, dos fatores estéticos e psicológicos, aquelas que consideram o valor de estima, a qualidade percebida e demais atributos derivados e secundários até então pouco considerados para a concepção dos artefatos industriais. (MORAES, 2011, p. 41)*

Moraes (2011) retoma, então, a fórmula que, durante muitas décadas, atendeu às demandas de desenvolvimento de projetos:

*Reiterando que os elementos de possível interligação apontados pela antiga metodologia projetual e utilizados durante as fases do projeto na era moderna eram conectados de forma previsível e linear, quase sequencial, e tendo sempre como referência os fatores objetivos inerentes ao projeto, destacam-se as seguintes singularidades: a delimitação precisa do mercado e do consumi-*

*dor, o briefing, o custo e o preço do produto, os possíveis materiais a serem utilizados, as referências da ergonomia antropométrica, a viabilidade fabril e uma estética com tendência para o equilíbrio e a neutralidade. Essa fórmula atendeu, por muitas décadas, às necessidades básicas do consumidor e respondeu às limitações técnico-produtivas existentes por todo o período do desenvolvimento industrial da era moderna. Em contraponto, no cenário complexo e mutante em que se vive, tudo isso não mais corresponde à realidade. (MORAES, 2011, p. 43)*

A esse respeito, Bonsiepe (2012) declara que a metodologia ortodoxa ou clássica procurou explicitar o passo a passo do desenvolvimento de um produto, desde a formulação do problema até a produção industrial (BONSIEPE, 2012, p. 92). Para o autor, essas metodologias

*partem da hipótese de que a atividade projetual das diversas disciplinas possui uma estrutura em comum, independente do conteúdo das tarefas projetuais. Assim, em nível teórico, não haveria diferença entre o projeto de uma etiqueta para uma garrafa de champanhe e o projeto de uma maca hospitalar, ou o projeto de uma enfiadeira de alfafa. Certamente, os métodos específicos a serem empregados em cada caso poderiam e deveriam forçosamente variar, mas a sequência de etapas a serem seguidas seria essencialmente idêntica, permanecendo invariável frente aos diferentes conteúdos projetuais. O diagrama contendo a sequência de passos necessários em qualquer tipo de projeto transformou-se em norma paradigmática. (BONSIEPE, 2012, p. 92)*

No contínuo de seu raciocínio, Bonsiepe (2012) explicita o surgimento de outra corrente, chamada design alternativo, a qual deriva do movimento da tecnologia alternativa. Essa tecnologia surgiu a partir de movimentos contestatórios e do desemprego que atingiu a comunidade jovem acadêmica nos últimos anos. Para o autor

*Esse movimento influenciou, inclusive, alguns representantes da metodologia ortodoxa. Contudo, será necessário verificar se esse movimento alternativo tem força suficiente para produzir uma metodologia projetual alternativa. O adjetivo <alternativo> assinala uma opção por algo diverso do status quo dominante, uma ruptura. (BONSIEPE, 2012, p. 96)*

Em relação ao design industrial, esse movimento pode assumir diferentes conotações e significados, podendo ser um projeto de produtos alternativos; um enfoque diferente do mundo natural; uma ênfase diferente nos fatores da produção; uma for-

ma diferente de produção; uma atitude diferente diante da produção e do consumo; um novo modo de apresentar e articular as necessidades; um design industrial mais equitativo; ou, ainda, um design industrial participativo.

Essas novas perspectivas exigem do designer outras posturas diante do problema ou do projeto, uma vez que na “contemporaneidade um dos grandes desafios do designer é comunicar e valorizar a identidade de produtos em um contexto global” (KRUCKEN; SAIKALY, 2010, p. 46).

Nesse processo de resgate e de valorização da cultura local para um contexto globalizado, os métodos oriundos da antropologia foram largamente utilizados. Isso porque a antropologia é, de acordo com o texto “Antropologia para quem não vai ser antropólogo”, de Rafael José dos Santos, “um conjunto de teorias (nem sempre concordantes) e diferentes métodos e técnicas de pesquisa que buscam explicar, compreender ou interpretar as mais diversas práticas dos homens e mulheres da sociedade” (SANTOS, 2005, p. 19). Ainda de acordo com Santos, “muitas dessas teorias baseiam-se em pesquisas de campo, nas quais os antropólogos buscam conviver com as populações locais e aprender seus hábitos, valores, modos de vida, crenças, relações de parentesco e outras dimensões da vida social” (SANTOS, 2005, p. 19).

Nesse viés, Zoy Anastassakis, em seu artigo intitulado “Design e antropologia: desafios em busca de um diálogo promissor”, aborda a dificuldade que os designers enfrentam ao se aproximarem da antropologia. Para a autora,

*Aproximarmo-nos dessa ciência social não é tarefa destituída de desafios. E, sobretudo, não se logrará efetuar tal aproximação, de forma substantiva, apenas buscando sistematizar algo que, em meio a uma disciplina instituída, é objetivamente mantido de forma particular e tópica, a saber, a especificidade da pesquisa antropológica ou etnográfica, que, como vimos, é alvo de constante reflexão para aqueles que se dedicam à antropologia. (ANASTASSAKIS, 2012, p. 6375)*

Esses questionamentos sobre os usos da antropologia no design foram feitos por diversos autores. O resultado de tal discussão é que, atualmente, já existem publicações que propõem uma adequação específica dos usos das ferramentas da antropologia pelo design.

Destarte, a maneira como foi realizada a produção do acervo do Reino Treze de Maio e do Centro Espírita São Sebastião relaciona-se com esses conceitos teóricos e com uma reflexão de que “os fenômenos culturais estão sujeitos, portanto, à interferência de diversos fatores históricos, sociais, espaciais” (BELCHIOR; RIBEIRO, 2014, p. 21).

*Ao entendermos o design como processo de projetar e fabricar artefatos, a associação entre design e cultura permite-nos compreender parte dos mecanismos*

*da organização social de uma determinada sociedade. A utilização dos artefatos criados pelo homem possibilita entender sua forma de estar no mundo, os valores e as hierarquias sociais. (BELCHIOR; RIBEIRO, 2014, p. 21)*

Tanto no decorrer dos rituais do Reinado quanto da Umbanda, é evidente a importância dos objetos sagrados, dos instrumentos e das indumentárias utilizadas, bem como das músicas e pontos, das danças, orações e benzeções. Todavia, mais que isso, é nítida a importância que Dona Isabel teve para a sua comunidade. Seu carisma e seu conhecimento, na maior parte, apenas na oralidade, servem de guia para os devotos do Reinado e para os frequentadores do terreiro.

Nesse sentido, a produção de um acervo constituído de fotografias, vídeos e registros sonoros incentivou os devotos, principalmente Dona Isabel e Belinha, a manifestarem o desejo de contar sua própria memória histórica a partir desse acervo que retrata tanto as sessões do CESS quanto as Guardas durante as festas em seu próprio reino.

Assim, a reconstituição da história do CESS e das Guardas a partir da leitura que seus devotos fizeram do conteúdo do acervo e da produção de novos registros fotográficos, audiovisuais e sonoros foi uma forma de traduzir esse patrimônio imaterial de Belo Horizonte e garantir maior tranquilidade à comunidade quanto à perpetuação de alguns instantes de sua memória, inclusive afetiva, de suas práticas, rituais e saberes.

Vale acrescentar que os acervos e os livros digitais disponibilizados na internet para acesso remoto tornam disponível a todos os interessados o conhecimento de objetos, fotografias, vídeos e documentos, algo que só seria possível de ser conhecido por meio de uma visita presencial na sede das guardas e do terreiro. Por outro lado, o acesso ao conteúdo online pode incentivar uma visita à sede. Em seu artigo “O uso da imagem na antropologia”, Caiuby Novaes reitera que

*Imagens, assim como os textos, são artefatos culturais. É nesse sentido que a produção e análise de registros fotográficos, filmicos e videográficos podem permitir a reconstituição da história cultural de grupos sociais, bem como um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto de frentes econômicas e da dinâmica das relações interétnicas. Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizados como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados. Assim, o uso da imagem acrescenta novas dimensões à interpretação da história cultural, permitindo aprofundar a compreensão do universo simbólico, que se exprime em sistemas de atitudes por meio dos quais grupos sociais se definem, constroem identidades e apreendem mentalidades. (CAIUBY NOVAES, 2005, p. 110)*

Já em seu livro *Escrituras da imagem*, Caiuby Novaes (2004) lança a proposta de ir além da análise de imagens durante uma pesquisa antropológica, sugerindo que a produção de imagens pode ser apresentada como resultado da pesquisa, cujo desafio é não se limitar ao uso da palavra.

Nessa perspectiva, Samain (2005) propõe uma difícil tarefa: a de saber reconhecer as riquezas singulares do olhar, da fala e da escrita, e de pensar, ao mesmo tempo, em suas complementaridades heurísticas possíveis. Em se tratando da imagem, Samain (2012) expõe, ainda, que

*toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar. [...]. Assim sendo, toda imagem nos faz pensar. (SAMAIN, 2012, p. 22)*

### 11.2.2.2 Etapas de desenvolvimento do projeto

Para o desenvolvimento deste projeto, foram realizadas algumas etapas, as quais estão descritas a seguir. Primeiramente, foi feito um levantamento das fontes relativas aos conceitos que permeiam o projeto e uma investigação e organização do banco de dados (registros audiovisuais, fotográficos e sonoros) já existente da Irmandade Treze de Maio e do CESS. Depois, efetivou-se a realização de novos registros audiovisuais, fotográficos e sonoros das sessões do Terreiro de Umbanda do CESS; das festas do Reinado e das Guardas de Moçambique e de Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário; bem como das festas do cotidiano da comunidade. Também foram feitas entrevistas com os devotos participantes, bem como a seleção e a organização das anotações, procedimentos e fatos ocorridos durante o trabalho de campo. Em seguida, deu-se início à análise e à interpretação dos dados coletados no trabalho de campo, relacionando-os ao referencial teórico. Por fim, foi feita a organização do acervo digital e a produção das peças gráficas, para, então, disponibilizá-las no acervo por meio da internet e da sede da Irmandade Treze de Maio e do CESS.

### 11.2.3 O REINO TREZE DE MAIO E O CENTRO ESPÍRITA SÃO SEBASTIÃO

O Reino/Irmandade Treze de Maio é composto pelas Guardas de Moçambique e de Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Elas são grandes representantes do Reinado/Congado da cidade de Belo Horizonte e do Estado de Minas Gerais devido às tradições que foram mantidas pela Rainha Conga Isabel Cassimira – Dona Isabel, falecida em junho de 2015, aos 76 anos. Dona Isabel também foi responsável por preser-

var o legado do Centro Espírita São Sebastião, tornando-o uma grande referência como terreiro de Umbanda. É importante destacar que o Congado e a Umbanda dessa comunidade são manifestações muito significativas da cultura afro-brasileira.

Tanto a sede da Irmandade Treze de Maio quanto o terreiro do Centro Espírita São Sebastião ocupam uma parte da casa que foi residência de Dona Isabel, que fica no bairro Concórdia em Belo Horizonte (MG) e que foi herdada de sua mãe, Vovó Cassimira (Maria Cassimira das Dôres, 04/03/1906-26/07/1984). Vovó Cassimira passou a reger o Centro Espírita São Sebastião (também denominado de Umbanda da Vovó por sua causa) a partir de 1933, sendo que ela já o frequentava muito antes disso, o que denota o quão antigo é o terreiro. Também é muito antiga a Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, que também foi fundada por ela em 1944 por pagamento de promessa. Já a Guarda de Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário foi fundada em 1998 por seu filho Ephigênio Casemiro (07/02/1931-08/07/2006).<sup>43</sup>

Após o falecimento de Vovó Cassimira, Dona Isabel herdou a coroa de Rainha Conga de sua mãe e se tornou a matriarca da família, tendo sido responsável pela condução das festas do Reinado e das sessões do terreiro de umbanda até seu falecimento. Dona Isabel também foi a Rainha Conga do Estado de Minas Gerais, título que denota mais ainda sua importância perante não só a comunidade local, como também o cenário regional e nacional. Em dezembro de 2014, ela foi contemplada com o 1º Prêmio Mestres da Cultura Popular, promovido pela prefeitura de Belo Horizonte.<sup>44</sup> Seu falecimento em 2 de junho de 2015 causou grande comoção, tendo sido homenageada pelas guardas de Congado, pelos órgãos públicos e por diversos jornais.<sup>45</sup>

Em 2016, sua filha Isabel Casimira, carinhosamente chamada de Belinha, herdou a coroa de sua mãe e passou a ser a Rainha Conga, mantendo, assim, as tradições juntamente com seus outros irmãos.

### 11.2.3.1 A Festa de Reinado das Guardas de Moçambique e de Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário

Todos os anos, os devotos se preparam e produzem ornamentos, alimentação, indumentárias, fardas, bandeiras, instrumentos, andores etc. para que do dia 1º até o dia 13 de maio possa ocorrer a Festa de Reinado. O nome *Congado* acabou sendo o nome mais consagrado para se referir às festas realizadas em louvor a Nossa Senhora do Rosário, e *Congadeiro* é o termo utilizado para se referir aos devotos. Entretanto, algumas Guardas e todo o Reino Treze de Maio utilizam os vocábulos *Reinadeiros* e *Reinado*, por se tratar da coroação do Rei Congo e da Rainha Conga e também por se

43 Todas essas informações foram transcritas das entrevistas realizadas com a comunidade.

44 Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/prefeitura-divulga-resultado-do-1-pr%C3%A2mio-mestres-da-cultura-popular-1.281515>. Acesso em: 15 set. 2020.

45 Notícia sobre o falecimento de Dona Isabel disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/ajuda/story/2205-morre-dona-isabel-rainha-conga-de-minas-gerais>. Acesso em: 15 set. 2020.

tratar do Reino de Nossa Senhora do Rosário.<sup>46</sup> Já o nome *Treze de Maio* foi escolhido para homenagear a data da abolição da escravatura no Brasil pela Princesa Isabel.

Depois de sua própria festa, o Reino Treze de Maio irá retribuir (pagar) as visitas indo aos festejos das outras Irmandades ao longo do ano. De acordo com Souza (2002), a

*festa de coroação de reis negros foi criada a partir do encontro de culturas africanas com a ibérica no contexto da situação colonial, também a sua descrição, deixada pelos observadores estrangeiros que com ela tiveram contato no século XIX, resultou da relação colonial que englobava o Brasil e seus parceiros comerciais em potencial. (p. 270)*

Souza (2002) explica ainda que a crença que reitera o compromisso dos Congadeiros em disseminar o louvor a nossa Senhora do Rosário é basicamente esta: uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu sobre as águas, e os homens brancos foram resgatá-la e a colocaram em um altar ricamente ornamentado. A imagem não permanecia no altar e aparecia novamente nas águas. Os únicos que conseguiram mantê-la em um altar rústico e modesto foram os negros, que, dançando ao som dos tambores, a tiraram das águas e, a partir de então, ela passou a ser reverenciada com o Congado. Em Vila Rica, Ouro Preto (MG), desde o começo do século XVIII, organizaram-se irmandades de homens pretos, em cujos nome e raiz predominavam a mistura de etnias negras. Lá foi construída a Igreja do Rosário e a Igreja de Santa Ifigênia por Chico Rei, escravo que conseguiu comprar sua liberdade, a de seu filho e a de muitos outros escravos, instaurando um reinado cujo momento de maior devoção era o das festas para a santa padroeira – das quais ele era o Rei Congo. Por trás da história de Chico Rei e da retirada de Nossa Senhora das águas, estaria

*um fato histórico, ou conjunto de fatos que foram amalgamando, se constituindo enquanto mito anualmente evocado para a afirmação de uma identidade de africanos no Brasil. A congada pode ser vista como uma forma particular de conceber e transmitir a história, permeada de ritos religiosos e mitos que fundamentam crenças e comportamentos, pois a história pode ser guardada e transmitida de modos diferentes, característicos de sociedades diversas, que constroem a memória à sua maneira própria. (SOUZA, 2002, p. 315)*

De acordo com Prandi (2005 *apud* MORAIS, 2010, pp. 27-28), as manifestações do congado datam, em Belo Horizonte, antes mesmo da inauguração da cidade, ainda no

---

46 Para saber mais: SOUZA, M. M. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. RABAÇAL, A. J. *As Congadas no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976. (Coleção Folclore, n. 5).

final do século XIX. Nelas, estão presentes valores e saberes africanos mesclados com elementos católicos. Nesse caso, a figura de Nossa Senhora do Rosário é a mais importante entre os santos da Igreja Católica.

### 11.2.3.2 As sessões do Centro Espírita São Sebastião (CESS)

As sessões do CESS acontecem às segundas, quartas e sextas-feiras, às 20h. Elas somente são suspensas para o acontecimento da Festa de Reinado, pois são duas religiões distintas que seguem calendários diferentes. Ocorrem, também, as festas dos santos ou dos orixás, como a Festa de Oxossi, em 20 de janeiro, e a festa de Cosme e Damião, em 29 de setembro. É válido mencionar que as fotografias, os sons e os vídeos produzidos durante esse projeto se tornaram ainda mais significativos, visto que são alguns dos únicos registros existentes de Dona Isabel presidindo as sessões.

De acordo com Prandi (2005 *apud* MORAIS, 2010, pp. 27-28), os primeiros terreiros de umbanda de Belo Horizonte surgiram no início da década de 1930. Portanto, o Centro Espírita São Sebastião é um dos mais antigos, visto que Maria Cassimira o herdou em 1933, e já o frequentava na década de 1930, quando ainda era conduzido por outros amigos e parentes.

Naquela época, por ser uma nova capital, Belo Horizonte atraía imigrantes de várias regiões do país, cada um com as suas próprias crenças e costumes (MORAIS, 2010, pp. 28-29). Essa diversidade foi absorvida pelos umbandistas (e também pelos candomblecistas, embora em menor proporção), fato que tornou a religião atual uma mistura de religiões que busca o respaldo para se legitimar ora no kardecismo, ora nos fundamentos africanos, junto com elementos indígenas (CAMARGO, 1961 *apud* MORAIS, 2010, p. 29). Moraes expressa, ainda, que “em Belo Horizonte não há uniformidade no culto da umbanda”, sendo que cada terreiro possui as suas próprias características. Ortiz (1991, pp. 16-17) esclarece que a Umbanda é uma “religião nacional que se opõe às religiões de importação: protestantismo, catolicismo e kardecismo. Não nos encontramos mais na presença de um sincretismo afro-brasileiro, mas de uma síntese brasileira, de uma religião endógena”.

## 11.3 RESULTADOS

Esse projeto gerou um banco de dados com registros audiovisuais, fotográficos e sonoros realizados no período de 2009 a 2015. Todo o material do acervo foi entregue, em dezembro de 2015, para a Rainha Conga Isabel Casimira e se encontra disponibilizado na sede das Guardas. Além da organização dos registros, também foram desenvolvidas peças gráficas: identidade visual; capa de CD e DVD; papelaria básica. Também foi criada uma página de rede social para disponibilização do acervo fotográfico e videográfico, na qual foram publicados alguns dos conteúdos. Isso possibilitou a disseminação dos saberes tradicionais, como a valorização e a salvaguarda, o planejamento e a pesquisa. Após a finalização do projeto, a página continuou a ser utilizada pela Irmandade, o que permite, ainda, que os interessados possam entrar em

contato com o Reinado Treze de Maio.<sup>47</sup> O registro sonoro do CESS também foi disponibilizado para acesso remoto.<sup>48</sup> É importante enfatizar que a oferta sistematizada de conteúdos que se originam de pesquisas etnográficas e de manifestações tradicionais religiosas visa a facilitar e ampliar o acesso a temas relativos ao Patrimônio Material e Imaterial Brasileiro para a sociedade em geral.

## 11.4 CONCLUSÕES

Ressalta-se a importância da maneira como todo o material foi produzido, partindo de projeto de pesquisa e extensão, no Centro de Pesquisa em Design e Ergonomia (CPqD), que valoriza a atuação do aluno e, assim, incentiva a formação de futuros profissionais acadêmicos e pesquisadores. Evidencia-se, também, o fato de que as informações coletadas e divulgadas foram trabalhadas de modo a serem transmitidas a partir do acompanhamento e do crivo das pessoas envolvidas. O encerramento do tema se deu com as devidas constatações da pesquisa/investigação realizada. Com isso, reitera-se o fato de que os nexos entre antropologia visual e design podem ser interessantes para projetos de pesquisa e extensão voltados para tradições e patrimônio imaterial.

## 11.5 REFERÊNCIAS

- ANASTASSAKIS, Z. Design e antropologia: desafios em busca de um diálogo promissor. *Anais do X Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Luiz: EDUFMA, 2012. pp. 6371-6377.
- BELCHIOR, C. L.; RIBEIRO, R. A. C. *Design & arte: ente os limites e intercessões*. Belo Horizonte: do Autor, 2014.
- BONSIEPE, G. *Design como prática de projeto*. São Paulo: Blucher, 2012.
- CAIUBY NOVAES, S. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, E. (org.). *O fotográfico*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec; Editora Senac, 2005. pp. 107-113.
- CAIUBY NOVAES, S. et al. (org.). *Escrituras da imagem*. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- CAMARGO, C. P. F. *Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.
- CENTRO ESPÍRITA SÃO SEBASTIÃO. *Registro sonoro*. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/reinadotrezedemaio>. Acesso em: 15 set. 2020.
- INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO CONGADO. Belo Horizonte: PUC Minas, 1974.

47 REINADO TREZE DE MAIO. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/reinadotrezedemaio>. Acesso em: 15 set. 2020.

48 CENTRO ESPÍRITA SÃO SEBASTIÃO. Registro sonoro. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/reinadotrezedemaio>. Acesso em: 15 set. 2020.

- KRUCKEN, L.; SAIKALY, F. Design de plataformas para valorizar identidades e produtos locais. In: MORAES, D.; KRUCKEN, L.; REYES, P. (org.). *Cadernos de estudos avançados em design: design e identidade*. v. 1. Barbacena: Ed/UEMG, 2010. pp. 35-48.
- MORAES, D. *Metaprojeto: o design do design*. São Paulo: Blucher, 2010.
- MORAES, D. Metaprojeto como modelo projetual. In: MORAES, D.; DIAS, R. Á.; BOM CONSELHO, R. (org.). *Cadernos de estudos avançados em design: método*. Barbacena, MG: EdUEMG, 2011. pp. 35-51.
- MORAIS, M. R. Ações do poder público e a prática da umbanda, candomblé e congado: reflexões sobre a construção de patrimônios culturais. *Latitude*, Maceió, v. 4, n. 2, pp. 25-42, 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/839/pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- NERY, C. G. *Um olhar sobre o Congado das Minas Gerais*. Belo Horizonte: 2012. 310 pp. Disponível em: <http://www.ed.uemg.br/publicacoes>. Acesso em: 10 set. 2020.
- NOTÍCIA sobre o falecimento de Dona Isabel: Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/06/rainha-conga-de-minas-gerais-morre-em-belo-horizonte.html>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PRANDI, R. *Segredos guardados: os orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PREFEITURA divulga resultado do 1º Prêmio Mestres da Cultura Popular. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/prefeitura-divulga-resultado-do-1-pr%C3%A0mio-mestres-da-cultura-popular-1.281515>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- RABAÇAL, A. J. *As Congadas no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976. (Coleção Folclore, n. 5).
- REINADO TREZE DE MAIO. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/reinadotrezedemaio>. Acesso: 15 set. 2020.
- SAMAIN, E. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN, E. (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012a. pp. 21-36.
- SAMAIN, E. (org.). *O fotográfico*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec; Editora Senac, 2005.
- SANTOS, R. J. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.
- SOUZA, M. M. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.